

Gestuentes nativos e não nativos de língua gestual: uma contribuição ao debate da aquisição da linguagem

Thais Cristófaró Silva*; Rosana Passos

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Faculdade de Letras, Brazil

Resumo

Falantes não nativos de línguas orais têm tendência a apresentar sotaque quando adquirem uma segunda língua (L2) (Scales, J., Wennerstrom, A., Richard, D., & Wu, S., 2006). Na pronúncia da L2, sabe-se que os falantes não nativos adquirem padrões segmentais e prosódicos noutra língua, de forma diferente dos falantes nativos (Bongaerts, T., van Summeren, C., Planken, B., & Schils, E., 1997). Os falantes nativos são, por isso, capazes de identificar um falante estrangeiro apenas pelo modo como a L2 é pronunciada (Fledge, 1992; Major, 2007). Desta forma, um falante nativo, sem qualquer formação específica, tem a capacidade de identificar um falante não nativo pelo seu desempenho oral. Uma questão relevante a ser colocada é se os gestuantes de uma língua gestual são capazes de identificar um gestuante não nativo. Esta comunicação pretende contribuir para esta questão, discutindo os resultados dos gestuantes da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). O estudo foi realizado com 28 gestuantes de LIBRAS, incluindo homens e mulheres, sendo a maioria surdos profundos (79%). Todos os participantes frequentaram a escola, no mínimo o ensino primário, e tiveram contacto com surdos e ouvintes. Foi pedido aos participantes que respondessem a um questionário escrito com perguntas com o objetivo de verificar se os participantes conseguiam identificar se o gestuante de LIBRAS era surdo ou não. As respostas indicaram que 85,6% dos participantes foram capazes de identificar, numa situação comunicativa, se a outra pessoa era surda ou não. Também relataram que a identificação foi realizada pela forma como a outra pessoa articulava os gestos em LIBRAS. Sugerimos que estes resultados indicam que a capacidade

de identificar um gestuante de LIBRAS como nativo ou não nativo resulta da aquisição da linguagem. Os gestuantes de LIBRAS adquiriram a língua de nascença e, por isso, foram capazes de construir princípios gramaticais desta língua. Por outro lado, os gestuantes de LIBRAS como L2, embora gestuantes proficientes, não tiveram a capacidade dos gestuantes nativos. As questões teóricas desta afirmação são discutidas à luz de sistemas complexos (Larsen-Freeman, 2011). Trataremos de algumas questões futuras de investigação, que poderão resultar nas estratégias adotadas pelo gestuante da língua gestual para identificar outro gestuante nativo ou não nativo.

Referências

1. Bongaerts, T., van Summeren, C., Planken, B., & Schils, E. 1997. Age and Ultimate Attainment in the Pronunciation of a Foreign Language. *Studies in Second Language Acquisition*, 19(04), 447–465.
2. Flege, J. E. 1992. Speech Learning in a Second Language. In: Ferguson, Charles A./Menn, Lise/Stoel-Gammon, Carol (Hrsg.): *Phonological Development. Models, Research, Implications*. Maryland, York Press: 565–604.
3. Larsen-Freeman, D. 2011. Complex, dynamic systems: A new transdisciplinary theme for applied linguistics? 2011. *Language Teaching*. Major R. C. 2007. Identifying a foreign accent in an unfamiliar language. *Studies in Second Language Acquisition* 29, 539–556.
4. Scales, J., Wennerstrom, A., Richard, D., & Wu, S. 2006. Language learners' perceptions of accent. *Tesol Quarterly*, 40(4), 715-725.

* thaiscristofaro@gmail.com